



Projeto
1ª CENA

DRAMATURGIAS



TEMPO SEM CANTO

PROJETO EDITORIAL:
JULIANA CORREIA

REVISÃO:
GRANDIR LAB

IDENTIDADE VISUAL:
JOEL PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

REALIZAÇÃO:
USINA DOS ATOS

Projeto 1ª CENA Dramaturgias
Usina dos Atos

TEMPO
SEM
CANTO

Grandir LAB
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tempo sem canto / [organização Usina dos Atos,
Leonardo Cícero Santos]. -- São Paulo :
Grandir Produções, 2024.

Vários autores.

ISBN 978-65-84765-26-9

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Fábulas
4. Teatro brasileiro I. Usina dos Atos.
II. Santos, Leonardo Cícero.

24-244455

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro : Artes da representação 792

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

FICHA TÉCNICA PROJETO 1ª CENA
TURMA 2016/2017 - ZONA SUL - NÚCLEO CEU CIDADE DUTRA

Coordenador de Projetos: Caio César Teixeira

Apoio Pedagógico: Andréa Staub e Renata Almeida

Educadore de Teatro e Dramaturgia: Leo Cícero

Educadora de Referência e Repertório: Manoela Silva

Educadora de Comunicação e Expressão: Camila Silva

Educadores de Cidadania e Política: Bê Fragnam e Paulo Reis

Monitores e Articuladores: Luana Rocha, Matheus Oliveira,
Melissa Santana, Stephannie Alves, Thainara Oliveira, Thaís
Santos e Wellington Silva

AGRADECIMENTOS

Somos gratas e gratos por tudo que vivemos através do Projeto 1ª CENA. Os anos passaram e temos na memória as tantas trocas e experiências que nos atravessaram em quase um ano e meio de curso. Agradecemos a escuta e companheirismo da Manoela Silva, a sempre presente palavra de apoio e crítica de Paulo Reis, o saber e olhar atento da Camila Silva, a troca e generosidade de Bê Fragnam, a direção e desafios de Leo Cicero, o apoio e diálogos com Karen Nunes, a coordenação cuidadosa e entusiasta de Caio Teixeira e pelas parcerias com Andréa Staub, Renata Almeida, Luana Rocha, Matheus Oliveira, Melissa Santana, Stephannie Alves, Thainara Oliveira, Thaís Santos e Wellington Silva.

Agradecemos às famílias e amigos que apoiaram essa jornada que exigiu tanto de nosso tempo durante os meses de curso. Uma lembrança também à Escola Municipal Miguel Vieira Ferreira que nos acolheu e às inúmeras pessoas que apoiaram nossos ensaios na praça, oferecendo água, banheiro ou um olhar curioso.

Por fim, agradecemos a atual equipe do Instituto Usina dos Atos que fez com que a publicação deste livro fosse possível.

A ARTE É A POSSIBILIDADE DE
MANIFESTAÇÃO DA NOSSA
DESORDEM INTERIOR.
É TAMBÉM A FORMA MAIS
PROFUNDA DE REORGANIZAR O
NOSSO MUNDO.
NÃO É A ORDEM DO MUNDO QUE
ORGANIZA A ARTE,
MAS, SIM A DESORDEM DA ARTE
QUE REORGANIZA O MUNDO.

AMIR HADDAD



PREFÁCIO ----- 10

AUTORES ----- 14

DRAMATURGIA

CENA 1: PÁSSAROS ENGAIOLADOS ----- 17

CENA 2: TEMPOS DE OUTORA ----- 19

CENA 3: MARIONETES ----- 21

CENA 4: LEIS DO BARÃO ----- 23

CENA 5: TRIBO DE PÁSSAROS ----- 28

CENA 6: A REVOLUÇÃO ----- 45

A CRIAÇÃO ----- 61

BIOGRAFIAS ----- 77

FOTOS ----- 112

SU
MÁ
RIO

“HÁ ESCOLAS QUE SÃO GAIOLAS E HÁ ESCOLAS QUE SÃO ASAS.

ESCOLAS QUE SÃO GAIOLAS EXISTEM PARA QUE OS PÁSSAROS DESAPRENDAM A ARTE DO VOO. PÁSSAROS ENGAIOLADOS SÃO PÁSSAROS SOB CONTROLE. ENGAIOLADOS, O SEU DONO PODE LEVÁ-LOS PARA ONDE QUISER. PÁSSAROS ENGAIOLADOS SEMPRE TÊM UM DONO. DEIXARAM DE SER PÁSSAROS. PORQUE A ESSÊNCIA DOS PÁSSAROS É O VOO.

ESCOLAS QUE SÃO ASAS NÃO AMAM PÁSSAROS ENGAIOLADOS. O QUE ELAS AMAM SÃO PÁSSAROS EM VOO. EXISTEM PARA DAR AOS PÁSSAROS CORAGEM PARA VOAR. ENSINAR O VOO, ISSO ELAS NÃO PODEM FAZER, PORQUE O VOO JÁ NASCE DENTRO DOS PÁSSAROS. O VOO NÃO PODE SER ENSINADO. SÓ PODE SER ENCORAJADO.”

PRE
FÁ
CIO

RUBEM ALVES

Essa breve crônica escrita por Rubem Alves, de nome “Gaiolas e asas”, nos faz refletir sobre liberdade e dependência. A partir da ideia de escola, em poucas linhas, ele desenvolve um pensamento interessante sobre o papel que a escola pode ter em nossas vidas, já que ela é a instituição que nos dará subsídios para o acesso à vida em sociedade. O controle e a gaiola sugerem prisão e falta de autonomia que esses pobres pássaros têm para se expressarem. Já as asas e o voo sugerem astúcia, paixão e movimento. Diante disso, um questionamento importante pode ser feito em nossas vidas: o

quanto as relações humanas, sejam elas econômicas, políticas ou sociais, nos proporcionam autonomia e o quanto essas mesmas relações nos colocam em um lugar de restrição?

Isto posto, ao seguirmos para as próximas páginas, encontraremos “Tempo Sem Canto”, elaborado pela 5ª turma do Projeto 1ª CENA, na Cidade Dutra. A obra foi o trabalho de conclusão de curso (TCC). Podemos esperar um texto muito sensível, reflexivo e crítico, fruto de um trabalho coletivo de 16 jovens, em sua maioria moradores de periferias entre o Grajaú e a Cidade Dutra, na capital paulista.

Trata-se de um texto que discute vários assuntos, como liberdade, capitalismo, trabalho, classes sociais e gênero, todos eles transversalizados, formando um mosaico em que pontos de vista paradoxalmente convergem e divergem, abrindo também espaço para interpretações e complementações por parte de quem lê.

Ao dizer que “as gaiolas são o lugar onde as certezas moram”, ao mesmo tempo em que “a vida era bela quando era possível voar”, podemos sentir um pouco o tom do texto a ser desfrutado adiante. Se, por um lado, o elemento de prisão indica certeza, por outro, há um nível de resignação e nostalgia em um pássaro afirmar que, quando voava, a vida tinha beleza. A gaiola aqui nos remete ao Mito da Caverna de Platão, em que conceitos como prisão, realidade e representação também aparecem. Um pássaro que estranhamente não voa mais e diz que isso era belo em tempos passados nos sinaliza que

hoje é um ser incompleto, que perdeu algo que constituía sua identidade.

Não temos a intenção de fazer uma análise aprofundada ou outras conexões aqui, mas percebam como se trata de um texto sensível e expressivo, construído por esses jovens. Imbuídos de referências, repertórios, senso crítico e capacidade de desnaturalização, eles conseguiram construir algo muito bem elaborado. Além disso, o essencial para conferir identificação e legitimidade ao processo de construção do texto é trabalhado na figura do canto: a voz. Para além de elementos teóricos, esses jovens conseguiram construir consensos e comuns a partir de suas percepções de mundo e vivências, com muita autenticidade. A leitura crítica de cada pessoa envolvida nesse processo possui uma profundidade admirável.

Você encontrará muita destreza nas várias camadas do texto. Como mencionado, houve uma intenção em transversalizar os temas. Dessa forma, mesmo nas classes sociais mais baixas, veremos diferenças e questões sendo trabalhadas, como as de gênero. A ideia de meritocracia e classe média também aparece. Soma-se a essa leitura da realidade alguns trechos em que quem lê, com atenção, poderá identificar o tempo histórico em que a obra foi produzida, sem, ao mesmo tempo, rotulá-la como datada.

Ainda é importante ressaltar como forma e conteúdo andaram juntos, nos trazendo uma obra preocupada com quem

teria acesso a ela. O espetáculo foi pensado para acontecer em praça pública, um local significativamente democrático, em que qualquer pessoa poderia simplesmente parar e assistir, como ocorreu nos ensaios e durante a temporada de apresentação. Tudo foi concebido como uma celebração da arte e da cultura voltada às pessoas que, por conta da correria do dia a dia ou por desconhecimento, talvez não pudessem acompanhar ou contemplar caso fosse em um teatro comercial no centro da cidade, ou em um espaço mediado por catracas ou outras restrições.

Em seu percurso, o texto protagonizado por jovens periféricos carrega uma mensagem crítica, ora sutil, ora explícita, mas calcada em um processo esperançoso. Trata-se de uma obra marcada pela entrega, esforço e amor desses jovens, além do apoio da equipe técnica da Usina dos Atos. Leo, educadore de teatro, certa vez disse: “trabalho é onde emprego vida”. Podemos ver e sentir os corações e as mentes de todas as pessoas envolvidas, que, ao longo de 14 meses, estiveram imersas, com o propósito de oferecer à sociedade a oportunidade de abrir a portinhola da gaiola e transformar a vida em uma grande escola que é asa.

Boa leitura!

Paulo Henrique de Souza Reis
Educador de Cidadania e Política no Projeto 1ª CENA

AU
TO
RES

LEO CICERO

ADA ANTOS

ALANA DOS SANTOS

ANA ALICE ROCHA

BRUNA GOMES DOS SANTOS

BRUNA OLIVEIRA SENA DE JESUS

BRUNO DIPPER

ESTER INÁCIO S. DA SILVA

GABRIELA GOMES MAGALHÃES DOS ANTOS

GABRIELLA FRANCO SILVA

HILLARY MILENE SILVA NOGUEIRA

JESSICA ALMEIDA SOUSA

JOEL RIBEIRO COSTA DOS REIS

ODRI CAMPOS

VICTORIA EDUARDA PERESTRELO PEREIRA

VIRLAINE DE ARAÚJO SILVA

WENDEL ALVES DE SOUZA

AU
TO
RES

TEMPO

SEM

CANTO



CENA 01

PÁSSAROS

ENGAIOLADOS

Atores representam pássaros em diferentes lugares e níveis do espaço, criando imagens de seres aprisionados em movimentos repetitivos. A instalação de cada atriz/ator também conta com algum tipo de objeto/signo.

TRILHA 1: Mortal Loucura - Maria Bethânia

CORIFEUS caminham entre as instalações.

CORIFEU 1

- Pássaros criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença.

CORIFEU 2

- Somos assim: sonhamos o voo mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece.

CORIFEU 1

- O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: o não ter certezas.

CORIFEU 2 (interrompendo o CORIFEU 1)

- O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certeza.

CORIFEU 1

- Mas é isso o que tememos: não ter certezas.

CORIFEU 2

- Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certeza moram.

Todos os atores que representam os pássaros engaiolados repetem em frenesi a fala a seguir:

CORO DE PÁSSAROS

- As gaiolas são o lugar onde as certeza moram.

Os CORIFEUS acompanham o frenesi até que dão o sinal sonoro para o congelamento e o PÁSSARO CORIFEU sai de sua gaiola.

PÁSSARO CORIFEU

- E antes das gaiolas? Antes das asas cortadas? Como era o céu repleto de pássaros? Voos rasos, rasantes, cantantes. Era um tempo de festa.

CENA 02

TEMPO

DE OUTORA



Aos poucos os pássaros saem de suas gaiolas, possivelmente “trocam” de roupas e iniciam os batuques, danças e festas. Durante a TRILHA 2 o ambiente cenográfico é montado com tecidos coloridos e floridos estirados, e flores são entregues ao público.

TRILHA 2: A Banda - Chico Buarque

PÁSSARO 1

- Céu colorido, mistura de azuis.

PÁSSARO 2

- Estrelas brilhando, rodeavam em ciranda fosse sol, fosse lua.

PÁSSARO 3

- Imensidão rasgada de voos.

PÁSSARO 4

- Pássaros livres gorjeando seus cantos.

PÁSSARO 5

- Nas matas ornavam seus ninhos.

PÁSSARO 6

- Das cascatas bebiam das águas.

PÁSSARO 7

- Bicavam dos frutos vermelhos, eram tempos de amores.

CORO A

- A vida era bela, quando nos era possível voar.

CORO B

- Bela é a vida quando pássaros podem cantar.

CORO A

- Quando pássaros podem voar.

CORO B

- Cantar.

CORO A

- Podiam voar, cantar

CORO B

- Era voar.

CORO A

- Era cantar.

Os dois COROS devem repetir freneticamente em tom crescente de desespero as duas últimas falas.

CENA 03

O MANIPULADOR deverá interromper a fala do CORO da cena anterior.

MARIONETES



MANIPULADOR

- Mas para meu desencanto, o que era doce acabou. Tudo tomou seu lugar, depois que a banda passou. E cada qual no seu canto, em cada canto uma dor. Depois da banda passar, cantando coisas de amor. Cada qual no seu canto, em cada canto uma dor.

O MANIPULADOR conduz o CORO para uma formação desenhada no espaço. Neste CORO existe um CONTRAVENTOR que mostra de maneira tímida um estranhamento sobre a condução.

CORO

- No céu azul de outrora, surge. Diferente do voo e de todo nosso trinar, era chegado o tempo sem canto. O céu azul de todos, diverso em tons, agora é tomado, pelo o que não sabemos, não entendemos, não vemos. Névoa.

MANIPULADOR conduz toda a ação do CORO para pegar uma faixa de tecido e colocá-la nos olhos. CORO deve realizar ação sonora com palmas enquanto caminha pelo espaço vendados. O MANIPULADOR sola um momento de dança, com a intenção de conduzir marionetes perdidas. Com o fim deste movimento, o CORO finaliza com a fala a seguir.

CORO

- Névoa.

*CONTRAVENTOR incomodado com tudo se põe de lado,
em algum ponto alto, do qual verá a próxima cena.*

CENA 04
LEIS DO
BARÃO



CONTRAVENTOR

- A humanidade está sempre a um passo da barbárie. O absurdo nos ronda feito carniça, e a ignorância sobre o passado nos leva repetidamente para a beira de um velho abismo. O homem é o bicho do homem.

BARÃO

- *(com entusiasmo)* O homem é o lobo do homem! *(caindo em si)* Eu li isso nas redes. Mas já são horas e o relógio apressa, deixemos de Filosofia e Sociologia, pois elas nos atrasam ao progresso.

CORO

- Progresso.

BARÃO

- Isso, exatamente, é preciso dar ordem às coisas.

CORO

- Ordem.

BARÃO

- Exterminar o caos da liberdade.

CORO olha confuso.

BARÃO

- Parem de me olhar embasbacados e vamos, me ajudem, ao trabalho!

Algumas pessoas do CORO levam os acessórios de figurino do BARÃO até ele, enquanto o restante está confuso.

MANIPULADOR

- Com a palavra, o senhor Barão.

BARÃO

- Caro povo de nossa nação.

CORO

- Imponente se levanta. És barão, coronel, delegado, chefe, malfeitor.

BARÃO *(interrompendo o CORO como se tivessem falado mais do que o permitido)*

- Oh! É com grande alegria, imensa alegria, uma alegria estonteante, que me reúno aqui para um discurso, reforçando ao estado a exuberância de seus direitos. Um estado livre...

CORO

- Com seus bolsos cheios de moedas, beca engomada, careca lustrada, és ave de rapina, ladra de migalhas.

BARÃO *(interrompendo novamente o CORO)*

- Oh! Um estado livre se torna preso pela própria liberdade, isso é óbvio. É ou não é?

CORO

- Sim, senhor malfeitor.

BARÃO (*interrompendo novamente o CORO*)

- Oh!

CORO

- Sim, senhor Barão.

BARÃO

- Logo, por devida lógica, por tanto, nossa nação necessita de ordens que nos conduzam ao sucesso do progresso. Senhores cidadãos, estamos atravessando uma crise.

CONTRAVENTOR

- Uma crise eterna.

BARÃO (*com pouca paciência*)

- Uma crise a que fomos levados por este senso comunitário de liberdade, os céus caminham ao progresso, isto não é um voo livre senhores cidadãos, é uma corrida pela vitória. E só vencerão àqueles que estiverem devidamente disciplinados, organizados, enfileirados, massificados. Tem hora pra dormir, tem hora pra acordar, tem hora pra comer, tem hora pra cagar! Ou não? E digo mais, temos muitas horas pra produzir, poucas horas pra pensar, as devidas horas pra se divertir, esqueçam essa ideia de voar. Quem canta seus mares espanta, mas são nos mares que devemos navegar. Chega de folga, feriado, férias ou o caramba quatro, a nação tem que andar, os bancos necessitam respirar. Pulsem, senhores cidadãos, pulsem! Não pensem em crise.

CORO

- Trabalhem!

BARÃO

- E sorriam!

CONTRAVENTOR *(com um livro nas mãos)*

- "Por acaso não é verdade o que eu disse? Eles conseguem distorcer tudo! Misturam justiça e injustiça. Não dizem que é mentira o que eu sei ser uma terrível verdade? E pior! Há loucura maior do que ver esses homens que se consideram respeitáveis, autointitulados liberais, manipulando a opinião das pessoas em benefício próprio? E ao final é como se houvesse um partido único: certo ou errado, todo mundo pensa igual!". Palavras de Dr. Stockmann, personagem da peça teatral, "Um inimigo do povo", de 1882.

CONTRAVENTOR chama alguém do coro para ler o trecho do livro. Enquanto a leitura é realizada o CORO canta o trecho da música "A banda" de Chico Buarque.

LEITOR

- "Eles conseguem distorcer tudo! Misturam justiça e injustiça. Não dizem que é mentira o que eu sei ser uma terrível verdade? E pior! Há loucura maior do que ver esses homens que se consideram respeitáveis, autointitulados liberais, manipulando a opinião das pessoas em benefício próprio? E ao final, é como se houvesse um partido único: certo ou errado, todo mundo pensa igual!".

CORO

- Mas, para o meu desencanto, o que era doce, acabou. Tudo tomou seu lugar depois que a banda passou. E cada qual no seu canto, em cada canto uma dor. Tudo

tomou seu lugar depois que a banda passou.

BARÃO

- Vamos parar de conversinha fiada, por que o progresso, o desenvolvimento, o sucesso, a vitória, tem que andar. Então bora saindo deste seu postinho superior imaginário de esclarecimento, e desça aqui com teu povo para trabalhar. Pois para pensar esse monte de baboseira eu sei bem que a tua barriga tem que estar cheia, e nessa nação, só come quem trabalha.

CONTRAVENTOR e LEITOR se juntam ao CORO.

CENA 05
TRIBO DE
PÁSSAROS

CORO inicia batuque com panelas.

PANELEIRA/URUBU

- Tá tudo muito lindo, muito simpático, mas o país tem que andar. E vamos logo fazer umas separações para modo de organizar e deixar cada coisa em seu lugar. Como em um super mercado destes grandes, com várias sessões, limpos, cheirosos, divertidos. Bem o senhor é o Barão, classe alta, plano alto, nossa garça dominante. Nós aqui, plano médio, médio alto, médio médio, médio baixo, massa insatisfeita, dominados pela elite, trabalhadores de escritório, disfarçados de barões, somos, não por escolha, mas por que o texto assim foi escrito, urubus, mas com classe e certo glamour sob a carne seca. De resto, não menos importante, a maioria, aquela que as estatísticas nem dão conta, a classe baixa, o povo das migalhas, das zonas periféricas, dos morros excludentes, os pombos que empobrecem nossas praças.

POMBOS

- Que o esforço de cada dia, seja recompensado. Que a angústia que sinto, amanhã desapareça.

POMBOS e URUBUS

- Que um dia eu sinta algo que não o desespero e que não me arrependa de ainda não ter de tudo me desfeito.

POMBOS

- Que a vida não me tenha como oculto e sem significância, nem indiferente nem escuso.

POMBOS, URUBUS e GARÇA

- E que eu não ceda ao mal do mundo, não me entregue a esse abismo profundo, mesmo que a vida seja feita infinito luto.

CORO (*cantando*)

- “Ê, ô, ô, vida de gado. Povo marcado, ê! Povo feliz!” Ê, ô, ô, vida de pássaro. Engaoados, ê! Povo infeliz!

BARÃO/GARÇA

- Pobre não pode ver uma oportunidade que já faz um coletivo, adora uma coletividade, um grupo, um ônibus cheio, uma casa lotada, um fusca apertado. Gostam de viver um na casa do outro, enfiado na vida alheia, trabalhar em cooperativa, ter um sindicato. Deixa de festa! Que agora é hora de fazer teatro, no qual nós, garça, urubus e pombos, mostraremos a eles como é que as coisas funcionam.

URUBU 1

- Ôh dona Garça, será mesmo que nós urubus temos que nos envolver nessa história? Não é mais fácil deixar com que os pombos façam esse trabalho?

URUBU 2

- Não que eles sejam totalmente capazes de realizar algo assim, um teatro, mas com a nossa direção, muito bem conduzida, eles poderiam até tentar.

URUBU 3

- Ainda mais porque hoje é Sábado, e a gente urubu da classe média está de folga.

BARÃO/GARÇA

- Bora deixar de bestagem urubaiada, que a garça dominante aqui sou eu, que não suja suas penas com o pó desta terra vil. Urubu da classe média, também trabalha, e ganha um pouquinho a mais pra não sujar as garras feito pombo e não piar no ouvido aqui da garça elitizada. Hoje é Sábado e todo mundo vai trabalhar, até mesmo eu, que de vez em quando adora uma diversão barata. Nossa peça será feita em três quadros curtos.

QUADRO 1

POMBA MÃE

- Ôh dona Garça...

BARÃO/GARÇA se surpreende e logo URUBU SUPERVISOR se intromete.

URUBU SUPERVISOR

- Pois não?

POMBA MÃE

- Eu precisava falar com a dona Garça.

URUBU S.

- Dona Garça não está, e quando está, está ocupada. Por isso eu, Urubu Supervisora, devidamente contratada, posso te ajudar.

POMBA MÃE

- Está certo.

URUBU S.

- Mas é claro que está!

POMBA MÃE

- Como a senhora sabe, eu tenho três filhos pombinhos pequenos.

URUBU S.

- Eu sei? Mas é claro que eu sei! Eu tenho total conhecimento da vida e necessidades dos meus pombos funcionários.

CONTRAVENTOR

- Funcionário, aquele que exerce uma função.

POMBO 1

- Funcionário poderia ser uma geladeira então? Com a função de gelar.

POMBO 2

- Poderia ser um cobertor, com a função de esquentar.

POMBO 3

- Poderia ser um trem com a função de transportar.

BARÃO/GARÇA

- Oh! Poderia ser qualquer coisa, no nosso teatro é essa mulher. Volta para a história.

URUBU S.

- No que posso ajudar?

POMBA MÃE

- O meu filho mais novo, de dois aninhos.

URUBU S.

- Ôh coisa linda.

POMBA MÃE

- Pois é. Está concorrendo a uma vaga na creche e eles pediram para eu ir lá amanhã sem falta para assinar a ficha de inscrição.

URUBU S.

- Então tem que ir, né?

POMBA MÃE

- Tenho sim, senhora.

URUBU S.

- No que eu posso ajudar?

POMBA MÃE

- É que amanhã eu trabalho, preciso de uma folga pra assinar a ficha de inscrição na creche.

URUBU S.

- Hum, folga, né? Aí tem que ver com a dona Garça.

POMBA MÃE

- Mas era isso mesmo...

URUBU S.

- Funcionamos dentro de uma estrutura hierárquica que nos conduz à operações facilitadoras para o dia a dia. Como eu posso ajudá-la?

POMBA MÃE

- Falando com a dona Garça?!

URUBU S.

- Falo, falo sim. Você tem o requerimento?

POMBA MÃE (*confusa*)

- Não.

URUBU S.

- Então tem que ter.

POMBA MÃE

- E como é que eu consigo o requerimento?

URUBU S.

- No Recursos Humanos, RH.

POMBA MÃE

- Ótimo! Vou até lá.

URUBU S.

- Na sua hora de almoço, meu bem.

POMBA MÃE

- Mas eu já fiz minha hora de almoço hoje.

URUBU S.

- Então faça isso amanhã.

POMBA MÃE

- Mas é amanhã que eu preciso ir na creche assinar a ficha de inscrição.

URUBU S.

- Então deveria ter visto isso antes. Uma boa organização gera resultados positivos e satisfatórios para a rotina corporativa e pessoal. Como posso ajudá-la? Já sei! Posso liberá-la para uma pausa extra de 15 minutinhos, que deverão ser recompensados no final do expediente. Você está em um ambiente compreensível e de diálogo direto com o seu patrão. Vai!

CONTRAVENTOR *(lendo o livro da peça)*

- "A postura que todos são forçados a assumir, para continuamente comprovar sua aptidão à integrar essa sociedade, faz lembrar aqueles rapazinhos que, ao serem recebidos na tribo sob as pancadas dos sacerdotes, movem-se em círculos com um sorriso estereotipado nos lábios. A vida no capitalismo é um contínuo rito de iniciação. Todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas".

Batuque sonoro do CORO.

POMBA MÃE

- Boa tarde.

Batuque do CORO.

POMBA MÃE

- Eu vim pedir um requerimento.

Batuque do CORO.

POMBA MÃE

- É que eu tenho que ir na creche do meu filho

amanhã assinar a ficha de inscrição, e preciso solicitar um requerimento de folga.

Batuque do CORO.

CORO DE URUBUS

- O RH está fechado.

POMBA MÃE

- Mas ainda não deu cinco horas.

Batuque do CORO.

CORO DE URUBUS

- O RH fecha mais cedo para dar conta de recusar ou não todos os recursos humanos solicitados ao setor.

POMBA MÃE

- Mas sem o requerimento eu não consigo a folga...

CORO DE URUBUS

- O RH está fechado!

POMBA MÃE se volta para URUBU SUPERVISORA.

URUBU S.

- Como posso ajudar?

POMBA MÃE frustrada dá as costas.

TRILHA 3: Um Só - Tribalistas

QUADRO 2

POMBA MÃE está com uma tigela cheia de milho, jogando no chão. Chega POMBO PAI.

POMBA MÃE

- Ôh homem, estava te esperando.

POMBO PAI

- Tô com fome.

POMBA MÃE

- Vou precisar da tua ajuda pra amanhã.

POMBO PAI

- Tô cansado.

POMBA MÃE

- Tem que ir na creche fazer a ficha de inscrição do menino.

POMBO PAI

- Cadê minha toalha?

POMBA MÃE

- Eu tentei pegar uma folga lá no trabalho, mas não consegui. Se não for amanhã, a gente perde a vaga.

POMBO PAI

- Tô com fome, porra!

CORO FEMININO

- Tem que ir na creche fazer a ficha de inscrição

do menino. Se não for amanhã a gente perde a vaga.

POMBO PAI

- Tem como não! Amanhã vou ver um trampo que me arrumaram.

POMBA MÃE

- Faz mais de um mês que você não trabalha.

POMBO PAI

- Vou amanhã!

POMBA MÃE

- Passou o mês inteiro indo da cama pro bar, e amanhã que preciso de você, resolve trabalhar?

POMBO PAI

- Você não começa, mulher.

POMBA MÃE

- Se não for amanhã na creche, o menino perde a vaga.

POMBO PAI

- Então vai você.

POMBA MÃE

- Mas estou te falando que eu não consegui folga no trabalho.

POMBO PAI

- E que tanto tem nesse trabalho que não pode faltar um diazinho?

POMBA MÃE

- Tem meu trabalho, meu salário, que eu boto dentro desta casa.

POMBO PAI

- Já falei que amanhã eu não posso.

POMBA MÃE

- E o menino fica sem creche?

POMBO PAI

- Dá um jeito, o filho é teu!

POMBA MÃE

- É meu, mas é teu também!

POMBO PAI

- Mas você é a mãe.

POMBA MÃE

- E você é a porra do pai.

POMBO PAI

- A mulher que tem que resolver essas coisas.
Eu não vou perder um trabalho pra ficar numa fila, com um monte de mulher reclamando.

POMBA MÃE

- E você quer que eu perca o meu trabalho?

POMBO PAI

- Pede pra alguém. Pra velha da tua mãe que não faz nada o dia todo.

POMBA MÃE

- Faz duas semanas que minha mãe não sai da cama.

POMBO PAI

- Se vira!

CORO FEMININO recita o poema EU-MULHER de Conceição Evaristo.

CONTRAVENTOR

- Poema de Conceição Evaristo. Mulher, negra, nascida em 1946 em uma favela de Belo Horizonte, trabalhou como empregada doméstica até os 25 anos. Hoje é Doutora em Literatura e considerada uma das maiores escritoras brasileiras. Isto não é um simples esforço pessoal, infelizmente, ainda é uma exceção.

QUADRO 3

POMBA MÃE chama atenção para si, enquanto CORO FEMININO forma fila de atendimento.

POMBA MÃE

- É aqui que é a fila pra fazer inscrição na creche?

MULHER 1

- É aqui sim.

POMBA MÃE

- Essa fila toda?

MULHER 1

- Ontem estava pior, dobrando a esquina.

POMBA MÃE

- Nossa Senhora, o que é que eu faço?

POMBA MÃE caminha pela fila, pedindo licença, até chegar na atendente.

POMBA MÃE

- Ôh moça, bom dia.

ATENDENTE

- Pois não?

POMBA MÃE

- Eu preciso fazer a inscrição do meu filho e eu tô em dia de serviço. Vim resolver aqui e ainda vou ter que correr pro trabalho.

ATENDENTE

- O atendimento só começa às oito.

POMBA MÃE

- Mas às oito eu preciso estar batendo ponto lá no trabalho.

ATENDENTE

- Só começamos às oito.

POMBA MÃE

- Mas eu preciso trabalhar, moça.

MULHER 2

- Todo mundo aqui precisa, senhora.

POMBA MÃE

- Mas se eu falto hoje corro o risco de ir pra rua.

MULHER 3

- Todo mundo aqui corre o risco.

POMBA MÃE

- Mas se eu não trabalho, meus meninos morrem de fome. Meu marido é um traste.

MULHER 4

- O meu também!

MULHER 5

- E o meu?!

MULHER 6

- Vocês não conhecem o meu!

CORO FEMININO

- Traste!

POMBA MÃE

- Ôh Minha Nossa Senhora, é hoje que eu tô perdida. Vou trabalhar ou fico nessa fila?

MULHER 7

- Liga pra patroa, negocia com ela.

BARÃO/GARÇA

- Cadê o meu café?

CORO

- Cadê o café, dona Maria?

URUBU S.

- Dona Garça, me desculpe, mas a dona Maria, copeira, ainda não chegou.

BARÃO/GARÇA

- Mas como não chegou? A ralé não bate ponto?

URUBU S.

- Bate sim! Mas hoje, acho que atrasou.

CORO

- Dona Maria tem o ponto pra bater!

BARÃO/GARÇA

- A pombinha está atrasada. Qual será a desculpa? O ônibus que quebrou? O filho adoeceu? Ou a tia distante que morreu?

UBURU S.

- Já vou ligar para saber o que é que aconteceu.

BARÃO/GARÇA

- Mas ainda não ligou? Supervisora incompetente.

CORO

- Negocie com o patrão!

POMBA MÃE atende o celular.

POMBA MÃE

- Alô.

URUBU S.

- Onde é que você está?

POMBA MÃE

- Vim na creche resolver o problema da inscrição.

URUBU S.

- Creche?

BARÃO/GARÇA

- Meu café!

CORO

- Maria, onde é que tá?

URUBU S.

- Você tem meia hora para aparecer aqui na empresa.

BARÃO/GARÇA

- Meu café não vai esperar.

CORO

- Negocie com o patrão!

URUBU S.

- Tem uma fila de gente lá fora querendo trabalhar!

BARÃO/GARÇA

- Vou assinar a demissão.

CORO

- A fila tem que andar, o mundo prosseguir e, quem não se encaixar, que peça pra sair!

Grito da POMBA MÃE.

*CORO recita o poema/slam VIM DE LUANDA/MEU PAI
É REI/EU SOU PRINCESA NEGRA/MINHA PALAVRA É
LEI da poeta Kimani.*



CENA 06

A REVO-

LUÇÃO

CONTRAVENTOR

– Chega! Até quando nós, que pela sorte desgraçada do destino nascemos fora de um berço de ouro, seremos obrigadas a viver em condições de opressão e repressão?

BARÃO

- Obrigados? Ninguém neste país é obrigado a nada, se não mediante lei.

CONTRAVENTOR

- Somos obrigados a trabalhar até 12 horas por dia para termos o leite e o feijão das crianças.

BARÃO

- E como haveria de ser? O trabalho dignifica o homem.

CONTRAVENTOR

- O bom trabalho! Aquele que exercemos com o prazer de nossas faculdades mentais. Não o trabalho mecânico e exaustivo, este não dignifica o homem, mas enriquece os corvos.

BARÃO

- Você não ouse me ofender.

CONTRAVENTOR

- Nossa nação vive o tempo em que a verdade é a maior ofensa.

BARÃO

- E quem poderia ser o detentor da verdade? O que é a verdade?

CONTRAVENTOR

- A verdade é o homem na rua, de roupas sujas, pés descalços, diariamente entregue ao álcool para que se esqueça da sua miserável condição, e para que a noite não morra de frio.

CORO

- O que é a verdade?

CONTRAVENTOR

- A verdade é a mulher, mãe de três filhos, solteira, que trabalha desde os 16 anos em casa de família, ganhando um salário mínimo, pagando o aluguel de um quarto e cozinha.

CORO

- O que é a verdade?

CONTRAVENTOR

- A verdade é que neste país pessoas de pele negra morrem nos morros, nos guetos, nas favelas, sem o direito da palavra ou defesa, pelas mãos de agentes da polícia mal treinados e mal pagos para fazer uma justiça assassina e sangrenta.

CORO

- O que é a verdade?

CONTRAVENTOR

- A verdade é que o Brasil patriarcal e religioso é o país que mais mata pessoas LGBTs: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais.

CORO

- A verdade está nas ruas, nos guetos, nos barracos, na fome, na miséria e não é televisionada em horário nobre.

CONTRAVENTOR

- A verdade é que tem alguma coisa errada neste estado natural das coisas. Estado no qual uma elite branca, masculina, cisgênera, heterossexual, religiosa e rica, dita a forma à maioria.

BARÃO

- Está certo. Percebo uma insatisfação, e não é interessante para a nação uma multidão insatisfeita. Vocês são livres, se assim desejam, de não pensar como eu, de conservarem suas opiniões e escolhas, escolhas essas que poderão fazer com que sejam estrangeiros entre nós e não mais bem vindos a esta terra de progresso e ordem.

CONTRAVENTOR

- Mas esta terra é do povo.

CORO

- Povo.

BARÃO

- E quem é o povo?

CORO

- O povo: As mulheres. Os negros. Indígenas. Pessoas trans e travestis. Trabalhadores. Somos o povo.

BARÃO

- Povo insatisfeito, depressivo, reclamão, procurem outra nação.

CONTRAVENTOR

- A terra é nossa.

BARÃO

- A terra é de quem a tem no papel.

CONTRAVENTOR

- E quem assinou o papel?

BARÃO

- O rei.

CONTRAVENTOR

- E quem é o rei?

BARÃO

- Dono das terras.

CONTRAVENTOR

- Então, morte ao rei!

CORO vibra.

BARÃO

- Ah! A senhora então é assassina, ou comunista?

CONTRAVENTOR

- Não! Uma mulher esclarecida.

BARÃO

- Maldito o dia que as mulheres saíram da cozinha!

CORO FEMININO reage.

BARÃO

- Ah! A senhora está presa por desacato à autoridade e incitação ao caos da ordem pública. Prendam-na!

Duas pessoas prendem CONTRAVENTOR na árvore.

CONTRAVENTOR

- O que? Seu corvo ditador.

BARÃO

- E será julgada em praça pública.

CONTRAVENTOR

- O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente à ela e aos homens. Nada mais importa.

BARÃO

- Ordem! O que temos aqui hoje, senhores, é um típico caso de contravenção. Uma postura que vai contra ao progresso da nação, a ordem pública, ao devido estado natural das coisas. A luta pela ordem é incessante e no decorrer de toda história da humanidade fomos obrigados a tomar decisões importantes para que a ordem não se corrompa.

MULHER 1

- 29% das mulheres brasileiras no ano de 2016 sofreram agressões físicas e verbais. Provavelmente os agressores, na maior parte, parceiros destas mulheres, “só queriam manter a ordem”.

MULHER 2

- Em novembro de 2016, uma dona de casa de 53 anos, Roseli Lopes, morreu no interior de São Paulo, espancada pelo seu marido. Provavelmente ele “só queria manter a ordem natural das coisas”.

PESSOA 1

- A cada 25 horas no Brasil uma pessoa LGBT é morta.

PESSOA 2

- Em novembro de 2010 três jovens gays foram agredidos com lâmpadas fluorescentes na avenida Paulista.

PESSOA 1

- Para manter a ordem natural das coisas, eu, jovem gay, posso morrer em 25 horas.

NEGRO/A

- A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil.

NEGRO/A

- No decorrer dessa peça, para manter a ordem natural das coisas, um jovem negro foi morto em algum lugar do Brasil.

CORO

- Ordem e progresso.

BARÃO

- É o curso da História, senhores cidadãos. Lutamos bravamente contra os contrários! Assim foi durante a ditadura militar deste país, Hitler de modo duro lutou por uma Europa organizada e sadia, no sul dos Estados Unidos até onde foi possível os brancos se mantiveram firmes contra os negros, na idade média as mulheres ocupavam seu devido lugar, a fogueira. Até mesmo Cristo não escapou, falou demais, muitas ideias inovadoras e sociais e tratamos de colocá-lo no calvário.

CONTRAVENTOR

- É depressivo o curso da História

BARÃO

- Depressivo é ter que ouvir você piar no meu ouvido. Vamos logo ao veredito.

CONTRAVENTOR

- E o meu direito de defesa?

BARÃO

- Acha que alguém aqui está interessado em lhe defender?

PESSOA 1

- Ela não está de toda errada, de certo modo estamos bastante insatisfeitos.

PESSOA 2

- Temos que trabalhar de segunda à sábado, nove horas por dia, com patrões que nos tratam como máquinas.

PESSOA 3

- Passamos quatro, cinco horas no transporte público, não temos tempo para ficar com nossas famílias.

PESSOA 4

- Neste país os homens ainda recebem salários mais altos que nós mulheres.

PESSOA 5

- Somos assediadas, estupradas, violentadas todos os dias no trabalho, na rua, em casa e os agressores seguem impunes.

PESSOA 6

- Entro em lugares onde ainda sou julgada pela cor da minha pele.

PESSOA 8

- Me julgam pelo meu corpo e pelas roupas que estou vestindo.

PESSOA 9

- Eu ando na rua com medo de agressão.

BARÃO

- E o que querem que eu faça? É assim que as coisas são, não dá para viver voando e cantando todo dia, a vida é assim, pura depressão.

CONTRAVENTOR

- Depressão que tem cor, corpo e gênero.

CORO

- Quero voar e cantar todo dia, mesmo que para isso eu tenha que chorar.

CONTRAVENTOR e CORO

- Quero voar feito passarinho por qualquer fronteira que eu queira atravessar

CONTRAVENTOR

- Nenhum limite deverá ditar o voo de um povo livre!

BARÃO

- Fora! Então vá! Vá para bem longe com suas diferenças e ideais, esta nação não te cabe.

CONTRAVENTOR

- É aqui que eu quero ficar, lutar com meu povo e ver um sorriso brotar.

BARÃO

- Eu não estou te dando uma opção, está sendo expulsa da nação.

CONTRAVENTOR

- Revolta!

CORO

- Revolução!

CORO

- Lutar! Lutar! Chegada a hora é.
De alcançar desconhecido céu.
Voar! Voar! As nuvens transpassar,
E um novo mundo vir a deslumbrar.
Os tempos vão trazer o amanhã
Em que o homem poderá sorrir.
Pra trás um dia nós olharemos
E então veremos a luta que vencemos.
Lutar! Lutar! Chegada a hora é.
De alcançar desconhecido céu.

BARÃO

- Toda revolução é mais bonita na canção.

CONTRAVENTOR

- A revolução nasce no coração do poeta.

BARÃO

- E acontece num campo de batalha.

CONTRAVENTOR

- Já vivemos a guerra, mas é só o povo que padece.

BARÃO

- O povo come, o povo dorme, o povo ri, o que
mais o povo quer?

CORO A

- O povo quer comer da mesma mesa farta que o
senhor.

CORO B

- O povo quer dormir na mesma cama macia do barão.

BARÃO

- Só falta o povo dizer que também quer ser barão.

CORO

- E o barão não quer ser povo?

PESSOA 1

- Deitar na cama que o povo deita.

PESSOA 2

- Comer o pão que o povo come.

PESSOA 3

- Andar no ônibus que o povo anda.

PESSOA 4

- Ser depressivo e ser feliz ao mesmo tempo, do jeito que o povo é.

BARÃO

- Barão tem diploma, tem herança, nasceu bem!

CORO

- O povo tem a força.

CONTRAVENTOR

- Barão esperto e inteligente vai ter então que aprender a plantar batata pra poder comer e não morrer de fome.

BARÃO

- E eu posso saber onde é que o povo vai plantar a sua batata para comer?

CORO

- Na terra.

BARÃO

- Mas a terra é do barão, na minha terra não planta não.

CORO

- A terra é do povo.

BARÃO

- A terra é de quem tem arma pra defender. O povo tem arma?

CORO

- Tem não, sinhô.

BARÃO

- Então o povo não tem terra.

CORO

- E como é que o povo come?

BARÃO

- Trabalhando pro Barão.

CORO

- Povo não quer ser escravizado!

BARÃO

- E quem falou em escravidão? O mundo moderno e televisionado já superou essa ideia absurda de senzala. Estamos na era corporativa e terceirizada.

CONTRAVENTOR

- Era na qual os poucos como o senhor ainda enriquecem aos montes por causa do pesado trabalho de muitos.

BARÃO

- Acho você uma mocinha passarineira muito pessimista. Tenho certeza que o povo verá tudo com outros olhos. *(cantando)* "Hoje é um novo dia, de um novo tempo que começou. Todos os nossos sonhos serão verdade, o futuro já começou. Senta que hoje a festa é sua, a festa é nossa, é de quem quiser, quem vier!".

O CORO faz formação como expectadores. BARÃO distribui pipocas.

BARÃO

- Já aprendemos com o teatrinho de hoje que a sociedade, obrigatoriamente, para funcionar como uma máquina pulsante e poderosa, está dividida em classes: tem gente que nasceu garça, outros lutam para serem urubus e alguns outros, grande parte, são pombinhos. Esta grande engrenagem produz muito, à todo vapor, é bem organizada e quem aqui não se encaixa basta pedir para sair *(neste momento faz menção ao CONTRAVENTOR, e o CORO se incita para sair)*. Mas antes de tomarem qualquer decisão precipitada, deixem-me mostrar os benefícios de viver na grande gaiola do capitalismo.

O mundo moderno proporciona a vocês uma fábrica de entretenimento gratuito a um click de distância.

EXPECTADOR 1

- A senhora pode ser uma pobre desgraçada, mas na TV e na internet acompanha e se satisfaz com a vida das ricas poderosas.

EXPECTADOR 2

- Criança de oito anos de idade da favela não está alfabetizada, mas sonha ser popstar do futebol viajando pela Europa.

EXPECTADOR 3

- Adolescente triste e solitária não sai do celular e se acha incopetente aos 15 anos por não ser influenciador e debochada.

EXPECTADOR 4

- O senhor é um pobre empregado, mas com carnê das Lojas Bahia pode ter seu eletrônico em 48 vezes prestações com juros a perder de vista.

EXPECTADOR 5

- Mulher solteira para ser direita tem que casar e procriar e se algo der errado vive de fachada para os vizinhos e a igreja enganar.

EXPECTADOR 6

- Depressão, doença chic e bem moderna, todo mundo tem que ter para a indústria farmacêutica enriquecer.

CORO

- Queremos ser o que a TV diz para sermos. Na tela do celular parecemos ser aquilo que mostramos. Somos de verdade aquilo que nos perdemos.

BARÃO

- E então massa insatisfeita? A gaiola do capitalismo é ou não é mais interessante? Mais segura?

CONTRAVENTOR - *(o texto a seguir é de Alejandro Jodorowsky e Rubem Alves)* “Pássaros criados em gaiolas acreditam que voar é uma doença. Sonhamos o voo mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram. Mesmo que as certezas sejam grandes mentiras.”

BARÃO

- A senhorita pegue seus livros e voe para bem longe daqui. O meu veredito tardio para o seu julgamento é: banida da pátria.

CORO reage.

BARÃO

- Alguém se opõe?

CORO

- No céu azul de outrora, surge. Diferente do voo e de todo nosso trinar, era chegado o tempo sem canto.

O céu azul de todos, diverso em tons, agora é tomado pelo o que não sabemos, não entendemos, não vemos. Névoa.

CONTRAVENTOR *(com um livro nas mãos)*

- "Agora sou o homem mais poderoso da cidade. E lhe digo mais: Me sinto, agora, um dos homens mais poderosos do mundo! Mas não digam por enquanto nada a ninguém, porque eu fiz uma grande descoberta. Sim! Mais uma! Ouçam com atenção o que lhes vou dizer: o homem mais poderoso que há no mundo é o que está mais só."

CORO caminha novamente para o ponto de início.

CORO

- Lutar! Lutar! Chegada a hora é.
De alcançar desconhecido céu.
Voar! Voar! As nuvens transpassar,
E um novo mundo vir a deslumbrar.
Os tempos vão trazer o amanhã
Em que o homem poderá sorrir.
Pra trás um dia nós olharemos
E então veremos a luta que vencemos.
Lutar! Lutar! Chegada a hora é.
De alcançar desconhecido céu.

CONTRAVENTOR

- Que sempre exista o dia em que os poemas da revolução e da esperança saiam do coração do poeta, ganhe forças nas mãos do povo e transforme a vida de muitos.

CORO

- Que contrário ao estado natural da ordem e do progresso, viva e reviva a arte e a poesia, e nasça sempre uma nova canção.

TRILHA 4: Apesar de Você - Chico Buarque

A
CRI-
AÇÃO



O INÍCIO

16 de Julho de 2016. É essa a data que marca o primeiro encontro entre vinte sete adolescentes e jovens interessados em iniciar as aulas de teatro no CEU Cidade Dutra, no extremo sul da cidade de São Paulo, através do Projeto 1ª CENA do Instituto Usina dos Atos.

A edição do projeto conta com diversas atividades, envolvendo para além do teatro, também encontros com educadoras e educadores das áreas de sociologia e comunicação, que ao longo de mais de um ano de curso conduzem a turma em diversificados processos educativos, estimulando o pensamento crítico, o repertório cultural, e as habilidades cidadãs.

Uma experiência integrada entre a prática artística e a responsabilidade social, entre a estética e a ação política, a fim de que a arte não esteja deslocada da realidade na qual seus agentes estejam inseridos.

São dois encontros semanais, ocupando as tardes de Sábado e Domingo, numa rotina que exigiu vontade e resiliência de cada adolescente e jovem engajado no projeto. Ao todo foram 14 meses de aulas até a estreia do espetáculo, e daqueles vinte sete que iniciaram em Julho de 2016, quinze estavam em cena em 23 de Setembro de 2017, na primeira apresentação da peça TEMPO SEM CANTO.

A TEMÁTICA

A turma foi conduzida mês a mês por meio de um tema central, pré definido pela equipe pedagógica do projeto. O tema abordado foi o ETNOCENTRISMO, e a partir dele muitas práticas, debates, idas ao teatro, exposições, foram realizadas ao longo dos encontros.

O tema levou a turma a pensar sobre lugares de privilégios sociais, dos quais, grande parte das vezes, emergem os preconceitos e julgamentos infundados sobre tudo aquilo que é diferente, ou desconhecido. Muito se debateu acerca dos lugares de privilégios do tempo e cenário atual, e como as pessoas que ocupavam estes lugares olhavam para a periferia, seus jovens, famílias e histórias. O ETNOCENTRISMO levou a turma à debater o CAPITALISMO, e em como a sociedade está grosseiramente e injustamente dividida com base no que se tem. E a partir do quanto se tem, socialmente todo mundo já parece julgado, condenado ou com sorte. E é nessa divisão social e econômica que cada pessoa se vê, e muitas vezes não desenvolve a capacidade de olhar por outros prismas à outras realidades distintas da sua.

Foram estes os diálogos que pipocaram e moveram a turma para a criação. Conseguiram encontrar num tema tão amplo um afunilamento que

lhes interessava. Falar sobre o olhar do outro sobre os outros, e das problemáticas sociais que a partir daí surgiam no mundo. Se a sociedade está (des) organizada a partir do quê e quanto se tem, é necessário abrir o olhar para variados prismas. Será que o olhar de quem vê a cidade do trigésimo andar de um prédio de luxo é capaz de alcançar, com empatia e escuta o olhar de quem levanta todo dia às 4h30 no Grajaú para trabalhar? Sem essa empatia, escuta, abertura para enxergar outros prismas, uma cidade tomada por relações friccionadas vai surgindo e adoecendo sua população, uma doença que normalmente pende para o lado social mais fraco, o pobre.

E é sobre os embates e adoecimentos que surgem a partir dessas desigualdades, que TEMPO SEM CANTO se debruça. De um tempo que surge em que não é mais possível cantar, pois de tanta oneração, um povo não consegue mais encontrar motivos para se alegrar.

O PROCESSO CRIATIVO

Mais de oito meses de curso, e muitos daqueles que iniciaram já haviam deixado a turma. O ano agora é 2017, e é o momento de começar a montar o espetáculo. Com o tema definido, a cada semana em pequenos grupos

ou individualmente, inúmeras cenas são apresentadas nos encontros, que começam a se tornar ensaios. A intenção é fazer um levantamento de experimentos e improvisos, nos quais todos possam se envolver e sugerir ideias, das simples às mais absurdas. Neste momento do processo de criação, quanto mais, melhor. E fica na responsabilidade da direção ir catalogando tudo que vai sendo apresentado para criar caminhos para a dramaturgia.

Neste processo a turma é também instigada a usar espaços variados do CEU Cidade Dutra para suas criações, como espaços ao ar livre, pois a abordagem estética para o espetáculo criado será o Teatro de Rua.



Cena sendo apresentada durante o processo de criação, no espaço aberto do CEU Cidade Dutra.

Foi essa a primeira vez no Projeto 1ª CENA que o trabalho final de uma das turmas não seria realizado dentro de um teatro e sua caixa preta. E um desafio se apresentou, o de desmistificar a magia que o teatro convencional e comercial, com toda a sua estrutura, ocupam no imaginário de quem deseja fazer teatro. Todos pensam no palco, nas luzes, nos camarins, como artefatos necessários e deslumbrantes para a realização de uma peça teatral. Mas o teatro em si surge no mundo, sem nenhum aparato além do principal que o compõe, o humano. É da ação humana, encontrando o público, que o teatro nasce e acontece. E assim sendo, ele só precisa dessa energia humana para acontecer, mesmo sem um palco, ou sem uma casa.

Levantando esse debate, e com muito diálogo, às vezes afoito, pelo desejo de alguns pelo palco convencional, foi que pouco a pouco a turma aderiu a ideia, enxergando na rua uma potência para o que seria criado. Sem imaginar que algo inesperado aconteceria. Há poucas semanas da estreia do espetáculo, o Projeto 1ª CENA teve que buscar outro espaço para continuar realizando suas atividades, não podendo mais ocupar o CEU Cidade Dutra. Essa mudança potencializou o trabalho que estava sendo realizado, agora “sem casa”, a rua era o principal (e quase único) espaço que poderia ser ocupado pelos jovens artistas e suas reivindicações sociais.

“Muitos pensam que o teatro é caro, que é coisa de rico, quando Leo trouxe essa proposta de ser teatro de rua, me deu um frio na barriga porque eu não sabia como ia me concentrar com tanta gente passando, barulho de carro, barulho de gente conversando. Mas deu tudo certo e foi lindo, nos fez refletir muito sobre a nossa realidade e relação com a cidade.” - Bruna Gomes (educanda da turma).

A RUA

“O TEATRO DE RUA ELIMINA A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E NOS COLOCA NOVAMENTE EM CONTATO COM A POPULAÇÃO, SEM RESTRIÇÃO DE ESPÉCIE ALGUMA. ATUAR NOS ESPAÇOS ABERTOS, EM ÁREAS PÚBLICAS E LIVRES, É COMO FAZER UMA VIAGEM AO PASSADO E AO FUTURO DO TEATRO, PERCEBENDO SUA ANCESTRALIDADE E SUA NECESSIDADE, O QUE LHE GARANTE A PERMANÊNCIA NO FUTURO.” - AMIR HADDAD NO LIVRO DE TODOS OS TEATRO.

Nada mais teatral do que a rua. Onde estão todos os tipos de personagens, os cenários e os problemas. Levar um grupo de jovens estudantes de teatro para a rua foi uma experiência ímpar, e pedagógica. Teorizar o diferente, as desigualdades, os distúrbios de uma sociedade, encontrou pulso no chão de uma praça do bairro da Cidade Dutra, mais especificamente, a Praça Escolar.

Nesta praça os ensaios começaram a acontecer. O primeiro movimento foi de chegar todos os Sábados e Domingos com vassouras e sacos de lixo para a limpeza do local. A turma foi se organizando para quem levava o quê em cada dia. Ao lado da praça tem a Escola Municipal Dr. Miguel Vieira Ferreira, que abriu as portas para o uso de banheiros, e um camarim improvisado nos dias de apresentações. Das casas vizinhas à praça, começaram a surgir garrafas de água gelada para saciar a sede dos jovens atores durante as quatro horas de ensaios debaixo de sol. E de repente, como em horário marcado, semanas antes da estreia, já havia um público cativo que se divertia com as idas e vindas de cenas, esquecimentos de textos, enquanto a peça ainda ganhava forma.

A rua é um acontecimento e basta estar lá para acontecer. Todas as apresentações da peça TEMPO SEM CANTO contaram com no mínimo 60 pessoas de público, passando de 100 no último dia, debaixo de chuva, com um público fiel rodeando a cena com seus guarda-chuvas. A rua é o palco do mundo, pronta para nos receber.



Ensaio em um Domingo à tarde, na Praça Escolar no bairro da Cidade Dutra.

O TEXTO

Junto ao processo de levantamento de cenas, alguns textos foram também impulsos para as criações. A dramaturgia *O INIMIGO DO POVO* de Henrik Ibsen, e os poemas de Conceição Evaristo, trouxeram à turma debates importantes sobre a persuasão do opressor sobre um povo, e a submissão social e patriarcal a qual a mulher é submetida. Entrar em contato com a dramaturgia destes autores também introduziu à turma duas diferentes formas de expressão da escrita, levantando possibilidades para a construção de uma dramaturgia

híbrida, sem um gênero específico em sua estrutura. O encontro com estes textos e suas estéticas e temáticas, colaboraram para o despertar da escrita criativa, na qual os jovens se engajaram para o desenvolvimento do texto da peça.

O processo de dramaturgismo, um texto escrito por muitas mãos, foi tomando forma a cada semana. O texto não fica pronto de uma vez. A cada ensaio ideias podem surgir e irem se somando. A escrita é semanal, e uma expectativa vai surgindo na turma a cada nova cena que é entregue e está pronta para ser levantada.

Enxertos da peça O INIMIGO DO POVO e de poemas de Conceição Evaristo entraram para a dramaturgia de TEMPO SEM CANTO, mas foi o gênero da fábula que direcionou a ideia central do texto.

Através de uma revoadada de pássaros, o texto cria por meio da fábula uma sociedade de castas, na qual todo mundo tem seu lugar e dever, seus privilégios ou a falta deles. Uma Garça representa a elite no topo da pirâmide social, os Urubus são uma classe média ludibriada, e os Pombos estão na base produzindo milhões, mas recebendo migalhas. As personagens não estão à serviço do drama, do gênero dramático, mas são narradoras questionando os espaços que ocupam, na tentativa de desenhar alternativas para uma mudança possível.

Na rua não há espaço para o drama burguês, para

a construção dramática, o espaço público por si só já é épico, cheio de interferências e recursos que atravessam o drama de cada indivíduo questionando o “destino dos deuses”. E a dramaturgia de TEMPO SEM CANTO também é construída por muitos atravessamentos, a todo momento reivindicando um espaço de fala, alguma mobilização social capaz de alterar o status quo.

A ESTÉTICA DA RUA

A Praça Escolar da Cidade Dutra é um lugar arborizado, com enormes árvores, que serviram de cenário à TEMPO SEM CANTO. No centro da praça há um grande círculo, que se tornou um teatro de arena. Da escola ao lado, que abrigou o camarim improvisado em uma das salas de aula, o elenco saía cantando: “Se essa rua, se essa rua, fosse minha, eu mandava, eu mandava ocupar, com teatro e muita arte para o povo, para quem quisesse aqui chegar.”. Com esta cantiga o elenco rodeava toda a praça com estandartes de tecidos, baldes e garrafas usados como percussão, pandeiro e violão, chamando toda a gente para o teatro na praça.

O grupo não tinha uma grande verba para a produção de figurinos e objetos de cena, então só o necessário foi comprado. Uma ida ao bairro do Bom

Retiro em São Paulo, no qual se dá muito descarte de retalhos de tecido pelas inúmeras fábricas de roupa na região, rendeu dois grandes sacos que foram usados com criatividade pelo grupo. Muitas roupas vieram também de brechó, sendo estilizadas pela própria turma, numa estética colorida, com sobreposições e tiras de tecido para todos os lados.

E quando um figurino ou outro precisava de algo mais trabalhado, a costura ficou nas mãos de algumas mães de integrantes do grupo.

A música e o coro são elementos cruciais para o teatro de rua, e foram fundamentais na montagem de TEMPO SEM CANTO. O elenco se engajou em cantar músicas de Chico Buarque a Tribalistas. E um coro de jovens mulheres emocionava o público ao interpretar o poema EU-MULHER de Conceição Evaristo. A rua pede força, não para competir com as suas várias interferências, mas para implodir junto a elas. E a estética desta montagem foi sempre pensada na perspectiva de como seria interessante dialogar e somar com a rua, com aquela praça na qual o grupo se inseriu.



AINDA UM TEMPO SEM CANTO

Esta obra é publicada em 2025, e a dramaturgia de TEMPO SEM CANTO já tem 8 anos desde a sua estreia em 2017. O texto surgiu num Brasil pós golpe, no qual reformas, como a reforma trabalhista, estava a pleno vapor no Congresso e canais de notícias. Mudanças que visavam beneficiar a parcela da sociedade já cheia de privilégios, em detrimento de direitos de quem faz o país andar, o trabalhador de base.

A luta por um Brasil menos desigual não é de hoje, mas pode nos remeter há mais de 500 anos atrás, desde

a primeira invasão às terras tupiniquins. Um passado inglório, de uma nação que se formou ao longo do tempo tendo como superior o olhar alheio, do hemisfério norte sobre o sul, do branco sobre o preto, gerando síndromes e complexos de inferioridade social.

O trabalho é contínuo pela construção de um país que seja capaz de olhar para si com cuidado e afeto, consciente de que o presente desembocou de um passado, não sendo feito do acaso. Que cada uma das diferenças e discriminações que estruturam a sociedade brasileira, é fruto de um passado inconsequente.

Ainda há muita gente sem poder cantar, ou que canta em condições adversas, cenários tão bem retratados em obras de escritoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. A publicação desta dramaturgia após oito anos de sua estreia, traz a relevância em continuar falando de um país ainda tão segregado, que se altera a passos lentos. Tomados por outras Carolinas e Evaristos que ainda não puderam transcender as barreiras do etnocentrismo brasileiro.

O TEMPO NÃO PARA

CIA TIRAS DE TEATRO, foi o nome que o grupo de adolescentes e jovens se deu já ao final do curso para a realização da temporada do espetáculo.

Cada integrante desta nova CIA tinha seus sonhos e vontades, algumas já voltadas à arte, e outros terminam o curso cientes que a experiência agregaria em qualquer caminho que decidissem tomar.

O Projeto 1ª CENA apresenta a arte como uma vivência precisa no percurso da formação humana, capaz de explorar perspectivas diversas, e desenvolver habilidades sensíveis e subjetivas. Nem todo mundo que faz arte, quer ser artista, assim como nem todo mundo que sabe somar, deseja ser matemático.

A arte não necessariamente nos salva de algo, mas pode nos conduzir a olhar para coisas encobertas, tanto fora, como dentro de nós. E nisso está a magia, o inesperado que pode se descortinar por meio da experiência subjetiva da arte.

Dos 15 integrantes que concluíram o curso, muitos estão atualmente trabalhando no mercado cultural, com formações em teatro, dança, cinema, e outros seguiram para áreas da educação, publicidade, estética, economia e administração. Percursos plurais, que compartilham um momento em comum, a vivência teatral, a rua, a ocupação do espaço público como direito, numa sociedade que visa cercar as individualidades, numa anti-comunidade.

“Guardo no peito o voar que foi fazer esse espetáculo. Lembro de um senhor que, durante um dos ensaios na praça, parou, assistiu e me chamou de canto para conversar sobre o que viu. Acho que foi ali que pude perceber a potência que eu tinha quando estava em cena.” - Ada Anjos (educande da turma).

“O Projeto 1 CENA foi um processo fundamental para meu desenvolvimento e entendimento como artista do corpo e da cena. Diversos momentos de aprendizado impactaram minha trajetória de transformação, e, ao refletir sobre essa jornada, me pergunto: o que seria de mim sem a potência dos encontros de 2016 e 2017?”

Cada oficina me trouxe ferramentas que despertaram e potencializaram minhas habilidades técnicas e criativas, que me permitiram acessar novas oportunidades e que mudaram a minha história. Hoje, sou Artista da Dança.” - Odri Campos (educanda da turma).

Leo Cicero
Educadore de Teatro e Dramaturgia no
Projeto 1ª CENA

Cartaz do espetáculo
Joel Produções Artísticas



TEMPO SEM CANTO

BIOGRAFIAS



LEO

CICERO

Artista da cena e arte-educadore, com formação em Teatro no curso de bacharelado e licenciatura da Universidade Anhembí Morumbi.

Na arte-educação trabalhou no Centro Cultural Banco do Brasil com mediação cultural e contação de histórias. Atuou no Programa Vocacional da cidade de São Paulo, como artista orientadore em teatro nos CEU's Cidade Dutra e Vila Rubi. E junto ao Instituto Usina dos Atos esteve a frente do processo criativo dos textos/espetáculos "Tempo sem Canto" (2017), "Periferia Esperança" (2019), "Afetopia" (2023) e "Última Parada" (2023).

Em parceria entre o Instituto Usina dos Atos e a CIA Corps Outros de teatro, além da direção do espetáculo "Periferia Esperança", trabalhou na organização da obra para publicação da dramaturgia no ano de 2020. Também em parceria com a CIA Corps Outros dirigiu a adaptação de "Periferia Esperança" para o audiovisual, e o curta documentário "Do Ventre ao Pó" (2021). Ainda na CIA, em 2023 esteve em cena atuando no espetáculo "Onde Desmoramos". Todos projetos contemplados por leis de incentivo a cultura da cidade e do estado de São Paulo.



ADA
ANJOS

Formado em canto pela ETEC de Artes, em teatro musical pela Thymeli, bacharelado e licenciatura em Teatro na Universidade Anhembi Morumbi e Humor na SP Escola de Teatro. Atualmente, cursa Teatro Musical na SP Escola de Dança. Integrou a CIA Corpos Outros, atuando como assistente de direção no espetáculo "Periferia Esperança" e como ator no espetáculo "Onde Desmoramos".

Atuou no espetáculo "Um Novo Eu" da Riatti Produções em 2022, no espetáculo "Histórias de Depois do Fim" do grupo Teatro da Minúcia em 2023 e em 2024, esteve no espetáculo "Stranger Sings - Uma Paródia Musical" da Lyra Produções no Rio de Janeiro.

Como arte educador, atuou no Programa Vocacional e Programa Oficineiros, ambos da Prefeitura de São Paulo. Atualmente, é Educador e Monitor da Caixa Cultural de São Paulo.

Como drag, participou de alguns concursos em São Paulo e, em 2024, integrou o elenco do show DragRia no Rio de Janeiro. Em 2023 foi o vencedor do prêmio Coelho de Prata no 31º Festival Mix Brasil por um curta de humor no Show do Gongo.



ALANA
DOS
SANTOS

Formada em Administração pela Universidade Cruzeiro do Sul, com experiência consolidada na área administrativa. Ao longo da trajetória profissional, desenvolveu competências em gestão de processos, organização de rotinas administrativas e resolução de problemas, contribuindo para a eficiência e o sucesso das operações organizacionais.

Participou da 5ª edição do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde cursou teatro e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante a formação no projeto, teve aulas de Atuação, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania e Política e Dança, desenvolvendo habilidades artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte.

Atualmente, segue na área administrativa, aprimorando habilidades e buscando novas oportunidades para agregar valor ao ambiente corporativo.



ANA

ALICE

ROCHA

É estudante de bacharelado em Sistemas de Informação, com especialização em Engenharia de Software e DevOps pela FIAP. Atua como Assistente Educacional e exerce a função de Head de Ouvidoria.

Sua trajetória foi transformada pela experiência no projeto 1^a CENA, da Usina dos Atos, que trouxe impacto profundo em sua comunicação. Desde então, tem usado ferramentas artísticas para aprimorar o relacionamento interpessoal, a escuta ativa e a criatividade nas soluções, incorporando essas habilidades em seu cotidiano pessoal e profissional.



BRUNA
GOMES
DOS SANTOS

Formada em Recursos Humanos pela faculdade Uninove, Santo Amaro. Realizou diversos cursos voltados para a área Tech em recursos humanos e aulas particulares de inglês. Participou da 5ª edição do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde produziu e atuou na peça Tempo sem Canto (2017), dirigida por Leo Cícero. Durante o projeto, participou de aulas de Teatro, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania e Política e Dança, desenvolvendo habilidades artísticas, culturais e sociais.

Pretende futuramente cursar Psicologia e desenvolver projetos sociais relacionados a autodesenvolvimento e autoconhecimento.



BRUNA
OLIVEIRA
SENA DE
JESUS

Formada em Audiovisual pelo Instituto Criar de Tv, Cinema e Novas Mídias, e em diversos cursos livres com ênfase em Produção Executiva e Controladoria, em instituições como B_arco, AIC Escola de Cinema, BRAVI entre outras. Participou da quinta turma do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde produziu e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante o projeto, teve aulas de Teatro, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania Política e Dança, desenvolvendo habilidades artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte. Atualmente atua no mercado audiovisual como Produtora.



BRUNO
DIPPER

23 anos, brasileiro. Ator, dublador, diretor, dramaturgo e professor de teatro. Formado em “Licenciatura em Teatro” pela Universidade Ítalo Brasileiro (2021), “Técnico de Nutrição e Dietética” pela ETEC Irmã Agostina (2018), “Captação de Recursos para Projetos Culturais” pelo SENAC Aclimação (2022) e em “Dublagem” pelo SENAC Lapa Scipião (2024).

Atuou em diversos espetáculos como “Romeu + Julieta + Beatles” (2019), Blink e o Mundo dos Brinquedos (2021), “Érebo: Entre a Terra e o Inferno” (2021), “Cidade dos Loucos” (2021), “O Mágico de Oz” (2024), “O Pequeno Príncipe” (2024) e “Chapeuzinho Vermelho” (2024), entre outros. Escreveu e dirigiu os espetáculos “Alvorada” (2023) e “Cidade dos Loucos” (2024), ambos com temporadas de apresentações por toda São Paulo, sendo contemplados pelo edital VAI.

Diretor da Cia Voos Rasantes e Coordenador do curso de “Desenvolvimento Teatral” pelo grupo GACAM desde 2020. Em 2024, atuou como Educador Social de Teatro no Centro de Convivência Intergeracional Jardim Imbé.



ESTER

INÁCIO

S. DA SILVA

Participou da 5^a edição do Projeto 1^a CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde cursou teatro e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante a formação no projeto, teve aulas de Atuação, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania e Política e Dança, desenvolvendo habilidades técnicas, artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte.



GABRIELA
GOMES
MAGALHÃES
DOS ANJOS

Formada em Teatro, em 2017, pelo Instituto Usina dos Atos, onde participou da 5ª edição do Projeto 1ª CENA, produziu e atuou na peça “Tempo sem Canto”, com mais de 150 pessoas reunidas em praça pública, ocupada com teatro, música e dança, experienciando poesia, política e educação. Um festejo do povo com muita alegria, desejo, sonho, corpo, voz. Uma busca por uma realidade! Com nosso suor guerreiro, enquanto protagonizamos nossas vidas. Hoje, graduando o último ano do ensino superior em Biomedicina, na Universidade Nove de Julho, trilhando o caminho na área da Estética, com muita dedicação e trabalho, contribuindo para a felicidade de muitas pessoas com o propósito de transformar vidas.



GABRIELLA
FRANCO
SILVA

Desde a infância, sempre estive envolvida em atividades artísticas, graças a um projeto voluntário no qual participei, realizando oficinas de pintura, teatro e dança, com apresentações anuais. Em 2017, tive a oportunidade de integrar o projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde vivenciei uma experiência mais profissional, com oficinas de teatro, repertório, comunicação e expressão, cidadania e política. Dentro do projeto participei de diversas produções, entre elas 'Tempo sem Canto' (2017), dramaturgia escrita coletivamente e que contou com uma temporada de quatro apresentações na praça escolar, localizada em Cidade Dutra, bairro da Zona Sul de São Paulo. Atualmente, curso Psicologia e considera a arte um hobby essencial em sua vida.



HILLARY

MILENE

SILVA

NOGUEIRA

Participou da 5ª edição do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde cursou teatro e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante a formação no projeto, teve aulas de Atuação, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania e Política e Dança, desenvolvendo habilidades técnicas, artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte.



JESSICA
ALMEIDA
SOUSA

Nasceu e se criou em Vargem Grande, bairro localizado no extremo sul da capital paulista. Arteira e curiosa vem experimentando e pesquisando a produção artística originada na periferia antes mesmo de saber o que era isso. Fez parte do projeto 1ª CENA entre 2016 e 2017, onde atuou e produziu coletivamente o espetáculo ‘Tempo sem Canto’. Costureira de roupas e palavras, arte-educadora, produtora cultural e trabalhadora autônoma. Atualmente estuda direção de arte com foco no teatro na SP Escola de Teatro.



JOEL
RIBEIRO
COSTA
DOS REIS

Formado em Fotografia e Direitos Humanos pelo CEDECA Interlagos, em Desenho Artístico pela Arte São Paulo - Escola de Arte e Profissões, e em Design Gráfico pelo Instituto Nossa Senhora de Fátima. Participou da quinta turma do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde produziu e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante o projeto, teve aulas de Teatro, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania Política e Dança, desenvolvendo habilidades artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte. Atualmente cursa Ciências Econômicas na Universidade Federal do ABC (UFABC).



ODRI
CAMPOS

Nascida em 1998, é uma artista multifacetada, atuando como bailarina, intérprete-criadora, produtora, performer, arte-educadora e moradora da Zona Sul de São Paulo.

Possui formação técnica em Dança pela ETEC de Artes de São Paulo e pelo Projeto Núcleo Luz Ciclo II — Fábricas de Cultura, sob a direção de Chris Belluomini. Também é formada em Direção de Arte pelo Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias.

Desde 2015, dedica-se à pesquisa de elementos das danças urbanas e contemporâneas, desenvolvendo uma fusão que enriquece suas práticas artísticas e investigações sobre o corpo político dançante.

Atualmente, integra o projeto Emayfut e atua como intérprete-criadora na T.F. Cia de Dança e no Numcorrecoletivo.



VICTORIA
EDUARDA
PERESTRELO
PEREIRA

Formada em Comunicação Social pela Universidade Santo Amaro e atualmente se especializando em Neuromarketing na PUC, também atua como coordenadora de comunicação no projeto Quilombo Guarani, o qual é voltado para a preparação, educação e inclusão de pré-vestibulandos de baixa renda das periferias. Participou da 5ª edição do Projeto 1ª CENA, do Instituto Usina dos Atos, onde produziu e atuou na peça Tempo sem Canto (2017). Durante o projeto, teve aulas de Teatro, Repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania, Política e Dança, desenvolvendo habilidades artísticas, culturais e de engajamento social por meio da arte.



VIRLAINE
DE ARAÚJO
SILVA

Analista de Departamento Pessoal, graduada em Gestão de Recursos Humanos, e pós graduada em MBA de Gestão de Departamento Pessoal e Compliance Trabalhista.

Conheci a Usina dos Atos por meio da escola, quando ainda estava no ensino médio. No dia que houve apresentação do projeto 1ª CENA já fiquei apaixonada, pois sempre gostei do mundo artístico, então resolvi participar do processo seletivo, e em 2016 entrei na 5ª edição, na turma de Teatro. Foi uma honra ter participado do projeto, pois além do aprendizado, tive o privilégio de participar da peça teatral ‘Tempo sem Canto’, espetáculo de conclusão de curso, realizado em 2017.

Após a finalização do processo como educanda, continuei vinculada ao Projeto 1ª CENA, nos anos de 2018 e 2019, colaborando com a equipe pedagógica na formação das turmas da 6ª edição. Em 2022, retornei à Usina dos Atos, desta vez como voluntária na área Recursos Humanos.



WENDEL
ALVES
DE SOUZA

Aos 13 anos começou a estudar teatro no projeto Vocacional, no CEU Vila Rubi, zona sul de São Paulo. Em 2016 foi um dos integrantes da quinta turma do Projeto 1ª CENA, da Usina dos Atos, onde depois de 1 ano em formação estreou a sua primeira peça teatral, chamada "Tempo Sem Canto". Também estudou Teatro Musical, onde descobriu sua paixão pelos espetáculos musicais. Em Junho de 2019 interpretou Puxa em "A Aurora da Minha Vida" uma montagem realizada pela escola Recriarte e dirigida por Samir Signeu. Ainda no mesmo ano estreou seu primeiro trabalho musical "Ele Parecia Tão Bem", com direção geral de Aber Marques, onde interpretou o jovem Artur. Atualmente é Analista de Operações na Gol Linhas Aéreas.



FO-
TOS































EQUIPE INSTITUTO USINA DOS ATOS

DIRETOR-PRESIDENTE

CAIO CÉSAR TEIXEIRA

SECRETÁRIO GERAL

GEISSON SILVA DEMETINO

SECRETÁRIA GERAL ADJUNTA

FERNANDA SAMPAIO DA MOTTA

DIRETOR FINANCEIRO

CARLOS ALEXANDRE TEIXEIRA

DIRETORA FINANCEIRA ADJUNTA

CÉLIA REGINA TEIXEIRA

CONSELHO CONSULTIVO

MANOELA SILVA

VANESSA GARCIA MAIA

CONSELHO FISCAL

PATRÍCIA APARECIDA DAS NEVES

PAULO HENRIQUE DE SOUZA REIS



A DRAMATURGIA DE TEMPO SEM CANTO, ATRAVÉS DA FÁBULA, APRESENTA UM GRUPO DE PÁSSAROS CONDENADOS À PIRÂMIDE SOCIAL, NA QUAL A MAIORIA PRODUZ MUITO, E GANHA POUCO. PÁSSAROS RESISTEM CANTANDO E LUTANDO COMO Podem, MAS TEMEM SAIR DE SUAS GAIOLAS TÃO BEM FORJADAS PELOS DONOS DO MUNDO, OS ABASTADOS, AQUELES QUE NEM SABEMOS QUEM SÃO. O DIA A DIA DE POMBOS E URUBUS SÃO CONTROLADOS POR UMA GARÇA ELITIZADA, QUE VAI CONDUZINDO A MASSA ATRAVÉS DE UMA ESTRUTURA SOCIAL ENGENHOSA. O MERCADO DE TRABALHO CONTROLA, AS MÍDIAS LUDIBRIAM, O PATRIARCADO OPRIME, E O STATUS QUO PERMANECE PARA A SUSTENTAÇÃO DE UMA SOCIEDADE MILIMETRICAMENTE FRACIONADA.

NENHUM DIREITO ESTÁ GARANTIDO.
É PRECISO ESTAR ATENTO POIS, DE UM TEMPO PARA OUTRO, NOS PROÍBEM DE CANTAR.

